UM ARQUITECTO NA CIDADE - MANUEL VICENTE EM MACAU, 1962 -1995

1 - Antecedentes

Cidade minúscula mas persistente e plena de personalidade, Macau constituiu-se gradualmente em exemplo típico de sobrevivência dos pequenos aglomerados de origem portuguesa da época quinhentista, implantados em orlas continentais ou insulares transoceânicas.

Inicialmente simples entrepostos comerciais com alguma e precária fortificação, esses "micro" centros urbanos eram porém dotados desde logo com os elementos básicos de "cidade", como a Casa Municipal (ou, no caso do Macau, o especial "Leal Senado"), a Misericórdia-hospital, e ainda as igrejas, conventos e envolvente núcleo residencial - em conjunto inicialmente implantado numa base cultural medievo-renascentista.

Macau foi pois uma cidade materialmente produzida e construída num contexto de "escassez clara de meios e recursos, junto a um sentido de precaridade do 'projecto' face à homogeneidade do poder chinês" - como me refere o arq. Manuel Vicente.

Mas, nos séculos que se seguiram ao da sua fundação, Macau teve um destino singular: ao contrário de Salvador da Bahia, do Rio de Janeiro (Brasil) ou de S. Paulo de Luanda (Angola), Macau não se integrou posteriormente num grande espaço nacional, com crescimento desmesurado sobretudo nos séculos XIX e XX; e, de modo diverso do de Malaca (Malásia), de Colonia de Sacramento (Uruguai) ou Cochim (India), não foi reapossada por alheias potências europeias, que lhe imprimiram outro caractér e aspecto; e, finalmente, Macau não se imobilizou no tempo, em imagem de relíquia urbana, como Angra do Heroísmo (Açores) ou o Mindelo (Cabo Verde), ou como Diu e Damão (India), ou a ilha de Moçambique (Rep. de Moçambique).

Ao contrário, Macau permaneceu relativamente autónoma e contida em extensão; restou fiel às suas origens luso-sino ibéricas; mas contudo soube continuar a crescer, apesar de tudo, sem perda da sua cantada "diferença".

Por isso Macau se apresenta hoje com tantas e tão intensas vertentes urbanísticas e arquitectónicas, que são marcas de tempos distintos, onde as sucessivas sobreposições e adições permitem apesar de tudo a leitura das diversas "cidades de Macau".

Estas "cidades" dentro da cidade, correspondendo a épocas históricas bem distintas, exprimem-se hoje em 3 ou 4 imagens urbanas marcantes:

1 - a cidade ultramarina dos séculos XVI, XVII e XVIII (cuja expressão "medieval-renascentista" se prolonga ainda pelo séc.XIX), assente no "cordão" ou espinha dorsal da "Rua Direita"; este eixo viário estruturante, virado para a antiga baía da Praia Grande, a sul, atravessa o centro antigo da cidade, descendo desde a Penha, passando S. Lourenço e o Colégio jesuíta, o Teatro

D.Pedro V, a igreja de S. Agostinho, a "baixa" do Leal Senado e da Misericórdia, a igreja da Sé e a de S.Domingos, detendo-se cerca da monumental igreja de S.Paulo e da de S. Francisco - enquanto baluartes e fortalezas altaneiras protegem e perfilam esta sequência.

2 - A cidade oitocentista, humilde e discreta, perdendo cada vez mais importância para Hong-Kong, mas apesar disso com algumas novidades românticas e revivalistas (o Teatro D.Pedro V, o 1º liceu, este de 1894), e onde as primeiras "estradas" (como ainda hoje são chamadas) penetram no "campo" (cf. Manuel Vicente) - enquanto do outro lado, virado a norte e à China, vai surgindo a pequena e labiríntica urbe sino-litoral, dos pescadores e indígenas, "primeira fixação de chineses livres, i.e., não escravos convertidos" (cf. Manuel Vicente). Esta área amplia à medida que se faz a regularização do Porto Interior e respectivos aterros, já pelo inicial séc.XX.

O conjunto destas primeiras urbes prefaz como que uma cidade dual, de "costas viradas" uma em relação à outra, exprimindo assim os equilíbrios precários do(s) tempo(s) colonial(is).

3 - a cidade do princípio-do-século: nesta fase foi operada em Macau uma autêntica "revolução" urbana, marcada e simbolizada pela execução da avenida Almeida Ribeiro; esta liga finalmente as duas áreas antes apartadas, ligando Porto Interior (junto à ponte -cais para H.K.) com Leal Senado - ou seja, a "cidade-sino" com a "cidade euro-mestiça" (e é depois ainda prolongada sobre a Praia Grande).

A mancha urbana alargou-se então notavelmente, durante todo o 1º quartel do XX, tendo como eixo marcante o da rua citada, que - não por acaso - cruza a direcção da Rua Direita perpendicularmente. Uma série de ruas rectilíneas, como pequenas imitações dos "boulevards" europeus surgiu então para nordeste e nascente da urbe anterior, ocupando o "campo" e ligando-se às "estradas".

4 - a cidade recente: trata-se sobretudo da "conquista da água" e a "continentalização" de Macau; de facto, à medida que avançou o presente século, e o crescimento de Macau de acentuou, não restava em termos urbanísticos mais do que "inventar novo território" - e este só o pôde ser sobre a água, em novos e cada vez mais extensos aterros.

O primeiro arranque é dado pela aterro da "Ilha Verde" (anos 20-30), seguido pelo do Porto Exterior (anos 40-50), suporte de novos equipamentos como o liceu, mas inicialmente destinado a porto, e só depois a área de urbanização (cf. Manuel Vicente).

É neste processo que o perfil, contorno e imagem urbana da cidade se está ainda hoje autênticamente a "metamorfosear", com a gradual ligação às ilhas de Taipa e Coloane, as novas pontes, o aeroporto marítimo, e até o fecho definitivo da velha baía, com o projecto da Praia Grande.

New copy

2 - Arquitecturas marcantes

Da época mais antiga do território, devem ressaltar-se por um lado os discretos e intimistas templos sino-macaenses. Estes, originários de uma fase pré-urbana, "organizavam as 'aldeias' que 'semeavam' no 'mainland' entre as muralhas e as Portas do Cerco, só ocupado a partir dos finais do século XIX" (cf. Manuel Vicente).

Por outro lado, existe o legado urbano dos monumentos ocidentais, sobretudo as igrejas dos períodos maneirista e barroco, ou, se preferirmos, da chamada "Arquitectura Chã" (Plain Architecture); e alguns ainda, cívicos, da fase romântica e neo-clássica (como o Teatro D.Pedro V). A estes há que juntar em paralelo um punhado de velhos solares urbanos, por certo casas da antiga aristocracia mercantil, espaços residenciais (hoje em ruínas ou em desaparecimento rápido), com suas "karepas" (lâminas translúcidas naturais, sobrepostas) nas janelas, à moda de Goa, e seus telhados lusitanos de beiral e sanqueado.

Da época tardo-oitocentista e do início-do-século, existe um considerável legado construído, que faz lembrar as antigas casas da Hong-Kong inicial (ali hoje totalmente desaparecidas, resistindo porém em Macau) - e de algum modo relacionadas com novas fontes de rendimento para a cidade, mais ilícitas mas igualmente eficazes (ópio, jogo, etc), que lhe permite talvez "...uma certa retoma de antigos esplendores...neste virar do século pecaminoso e expedito" (cf. Manuel Vicente).

São habitualmente habitações em dois ou três pisos, com arcadas extensas ao longo das suas fachadas, que mais recentemente o governo da cidade foi comprando e restaurando, sobretudo desde os anos 80 (exemplo - as instalações do Arquivo Histórico de Macau). Ou são velhos palacetes residenciais, mais esguios e elegantes, com ornamentos numa estranha mescla de temas ocidentais e orientais, que evoluiram estilisticamente e foram sendo edificados até à época de um Art Deco muito tardio, este estendido até aos anos 50.

Dos anos 30 às décadas de 50-60, há que referir uma considerável renovação dos equipamentos privados e públicos, com edificações já em betão armado. "Macau duplicou em tamanho e população entre as duas guerras entre (1920-1939), em seguida experimentou uns anos 50 coloniais e modestos" (cf. Manuel Vicente).

No campo privado o destaque vai para os colégios (Escola Salesiana, r. S.Lourenço; Escola Comercial Pedro Nolasco, arq. Chorão Ramalho, início dos anos 60), e hotéis ("Grande Hotel",av. Almeida Ribeiro), enquanto na área pública há que referir escolas primárias (anos 40-50), liceu "Infante D.Henrique", hospitais ("O.Rafael", de 1939), mercados ("Mercado Vermelho", de 1936, e de S.Domingos, de 1950), serviços ("Banco Nacional Ultramarino"; edifício do "Palácio" das Repartições, dos anos 50). O Hotel Lisboa, já dos 1970, "...simboliza o aparecimento do

NEW C.12

Macau contemporâneo, com o fim da antiga concessão dos jogos e entrada em cena de um novo 'sindicato' mais dinâmico e sujeito a um contrato muito mais exigente" (cf.Manuel Vicente).

Dos tempos mais recentes, nos últimos 20 anos, correspondendo a uma nova escala de grandes "boom" construtivos e expansão urbanística, podem destacar-se inúmeros autores e obras, sobretudo entre arquitectos portugueses, macaenses, ingleses e chineses; mas interessa-nos neste contexto o "percurso exemplar" (porque, a um tempo, é extenso, experimental e qualificado) do arquitecto Manuel Vicente.

3 - Manuel Vicente, um arquitecto em Macau

De facto, entre todos, pode dizer-se que este autor se identifica primacialmente com a arquitectura da cidade dos últimos 20 anos, não só pela quantidade e persistência da sua actuação (140 projectos em Macau desde 1962), mas também porque a diversidade e qualidade da obra, e a natural abertura a uma multitude de colaboradores, acabou por criar "sem intenção" uma verdadeira "escola de arquitectar", ou pelo menos uma maneira de olhar, de "gostar de desenhar".

Manuel Vicente: nascido em 1934, arquitecto em Lisboa em 1960, Master com Louis Khan em 1962, trabalhou em Macau até 1966, e depois de 1977. Prémio AICA-SEC em 1987, e Medalha de Ouro da ARCASIA em 1994, por obras em Macau. Note-se que, apesar do "peso" da obra macaense, M.V. não deixou de influir continuamente em Portugal, com actuações pedagógicas (ensino na ESDAL, entre 1970-76), patrimoniais (reconstrução/reinvenção da "Casa dos Dicos", Lisboa, 1982), e nas "novas frentes" urbanas da capital (prémio Concurso para a Expo98, 1993). E sem esquecer o leccionamento em H.K. (1978-88),onde é actualmente leitor honorário.

No que concerne a Macau, podemos referir muito brevemente algumas escolhas dentro da sua vasta produção construída, entre exemplos ainda hoje visitáveis ou visíveis, e obedecendo a uma "classificação provisória" em 3 períodos principais, da mesma obra:

- da fase dos anos 60, essencialmente inserida na leva de equipamentos e no planeamento urbanístico global, há que destacar a obra do orfanato Helen Liang (1964, c/ arq. Natália Gomes), perto da Praia Grande, delicado e detalhado "claustro conventual", entre árvores e o parque infantil. é uma época de consciência social e de afirmação de linguagem, que exibe já um claro gosto pela diferença, pela originalidade formal.

Com a fase seguinte, faz uma "ponte" através da obra das "3 torres para funcionários na Barra", a que chama "releitura de um projecto antigo", de 1965-66 (inicialmente seria "...uma torre para pessoal dos correios de Macau, e na altura destinada a ser repetida ao longo do Plano Leopoldo de Almeida..." - cf. Manuel Vicente). São obras dos anos 60 repensadas e construídas em 1976 (acomp. de obra por arqs. Manuel Graça Dias e Vicente Dravo).

- depois de regressar a Macau (1977), M.V. "escandaliza" pela sua adesão à vaga de construção privada e especulativa que desde então não cessou de crescer em Macau - não se entende por essa época o lado corajoso e arquitectónico desta atitude, que produziu exemplos notáveis de como construir em altura, sem deixar de "respeitar a cidade".

Mas o autor trabalha de modo versátil e diversas frentes programáticas; e assim, desta fase, podem destacar-se obras tão assinaláveis como contrastantes: a fábrica-"colagem", frente ao Mercado Vermelho (av. Almirante Pessanha, 1978), resposta recriativa aos excessos "preservacionistas" da altura; o celebrado bairro de realojamento social, o "Fai Chi Kei", premiado e divulgado (1979, c/ arq. Paulo Sanmarful) - se quisermos, a sua interpretação pessoal do "neo-racionalismo"; a torre da r. do Chunambeiro "1980", olhando o antigo orfanato, curvilínea e contida (1977-82); e chegando finalmente às "pequenas maravilhas" da recuperação arquitectónica, como o "Arquivo Histórico de Macau (1985-89, c/ arq. Ana Fonseca e Adalberto Tenreiro) - entre primícias de pormenor e metáforas do "high-tech".

Nesta segunda metade dos anos 80, de resto, M.V. opera sobretudo na área das infraestruturas & recuperação, com obras pequenas e quase "laboratoriais" (numa fase de "crise" de obras maiores no seu atelier), afinando e depurando a sua linguagem: a "TDM"-Televisão de Macau (1983-88, c/ A.Fonseca, J.Santa Rita, N.Gomes e A.Tenreiro); a Companhia de Electricidade de Macau (1985-88, c/ A.F. e A.T.); e a Direcção dos Serviços de Turismo (1988, c/ Ana Merlini Borges).

- é com o início da presente década que se sente e constata finalmente em pleno a dimensão da obra de M.V. em Macau: se nas fases anteriores ele tinha conseguido transformar o CONTEÚDO da arquitectura, através de um sistema de "pequenos sinais" (nos interiores de edif. recuperados, nas pequenas obras infraestruturais e equipamentais); e se em paralelo tinha subvertido o SKYLINE, o perfil urbano-arquitectónico macaense (pelas suas "torres", não as maiores da cidade, mas seguramente das melhores) - é agora o tempo de uma intervenção URBANÍSTICA consequente, que opera em duas frentes bem definidas: na obra gigantesca do fecho da Baía da Praia Grande (primeira ideia em 1983, mas retomada em novos termos em 1989-1991), actualmente em curso, que vai criar uma nova IMAGEM GLOBAL DO "CENTRO LITORAL" DE MACAU; e na articulação entre ilhas e península de Macau, através do "Plano de Ordenamento de Coloane"(1994) - numa visão de totalidade que a presença próxima do novo aeroporto do território vai acentuar.

Manuel Vicente dedicou-se a Macau; e, entre as atribuladas fases de evolução do território e o seu próprio percurso e criatividade, soube imprimir um gesto "claro e construtivo" a este espaço quase perdido, reinventando futuros, contrariando o "desamor"...

José Manuel Fernandes, em diálogo com Manuel Vicente